

# Actas do **S**impósio Ricardo **Carvalho** Calero Memoria do **S**éculo

Edición de  
Teresa López e Francisco Salinas



Editan:

© **Departamento de Galego-Portugués,  
Francés e Lingüística  
da Universidade da Coruña**  
Campus de Elviña, s/n. A Coruña

© **Asociación Sócio-Pedagóxica Galega**  
r/ Laracha, 9, entrechán  
15010 A Coruña  
Teléfono e fax: 981 27 82 59

Deseño gráfico do Simposio: Torné Asociados

Deseño da edición e maquetación: Antonio Souto

Impresión: Imprenta Provincial

Dep. Legal: C-617-02

I.S.B.N.: 84-89679-66-5

I.S.B.N.: 978-84-9749-767-1 (electrónico)

DOI: <https://doi.org/10.17979/spudc.9788497497671>

Actas do **S**impósio  
Ricardo **C**arvalho Calero  
Memoria do **S**éculo

Edición de Teresa López e Francisco Salinas

Organizan:



Colaboran:



# Organización

---

Departamento de Galego-Portugués,  
Francés e Lingüística da Universidade da Coruña  
Asociación Sócio-Pedagóxica Galega

## Presidencia de Honra

---

M<sup>a</sup> Ignacia Ramos.

## Comité Científico

---

Prof<sup>a</sup> Doutora M<sup>a</sup> Victoria Carballo-Calero Ramos (Universidade de Vigo).  
Isaac Díaz Pardo.  
Francisco Fernández del Riego.  
Prof. Doutor Justo González Beramendi (Universidade de Santiago de Compostela).  
Prof. Doutor Basilio Losada Castro (Universitat de Barcelona).  
Prof<sup>a</sup> Doutora María Camino Noia Campos (Universidade de Vigo).  
Prof. Doutor José Luis Rodríguez Fernández (Universidade de Santiago de Compostela).  
Prof. Doutor Jurjo Torres Santomé (Universidade da Coruña).

## Comité Organizador

---

**Coordenación:** Teresa López (Universidade da Coruña), Francisco Salinas Portugal (Universidade da Coruña).

**Presidente:** Carlos Paulo Martínez Pereiro (Universidade da Coruña).

**Vicepresidente:** Alberte Ansede (Asociación Sócio-Pedagóxica Galega).

**Vogais:** Pola Universidade da Coruña: Manuel Ferreiro, Xosé Ramón Freixeiro, Elisardo López Varela, Luciano Rodríguez, Goretti Sanmartín e Laura Tato.

Pola Asociación Sócio-Pedagóxica Galega: Xoán Costa, Teresa Fiaño, Anxo Gómez Sánchez e M<sup>a</sup> Xosé Bravo.

**Secretario:** Xosé Manuel Sánchez Rei (Universidade da Coruña)

**Secretaría do Simposio:** María Calvo, Xoán Carlos Lagares.

# Índice

<b>Presentación</b>	7
<b>Prólogo</b>	
José Luis Meilán Gil .....	9
<b>Conferencia Inaugural</b>	
Ricardo Carvalho Calero, Gallaecia Magna. José Luís Rodríguez .....	11
<b>A investigación lingüística e literaria</b>	29
<b>Como sair do cerco. A legitimación galeguista da Literatura Galega por Carvalho Calero e a génese da súa centralidade no campo da crítica literaria.</b> Elias J. Torres Feijó ....	31
<b>A obra lingüística de Carvalho Calero.</b> Ramón Mariño Paz .....	67
<b>A narrativa</b>	107
<b>A narrativa de Carvalho Calero na encrucillada dos anos cincuenta.</b> Manuel Forcadela .....	109
<b>A descrición na obra narrativa de Carvalho Calero. Análise retórica e hermenéutica.</b> Arturo Casas .....	119
<b>Do carácter híbrido na narrativa breve de Carvalho Calero. (Da ambigua verdade intempestiva de <i>Aos amores seródios</i>).</b> Carlos Paulo Martínez Pereiro.....	137
<b>A poesía</b>	161
<b>O discurso metapoético de Ricardo Carvalho Calero.</b> Xosé María Álvarez Cáccamo .....	163
<b>As pegadas de Manoel Antonio na poesía de Ricardo Carvalho Calero.</b> Kathleen March ....	171
<b>Carvalho Calero. Mitos para un exilio.</b> Pilar Pallarés .....	183
<b>O teatro</b>	203
<b>Carvalho Calero: o Teatro e a Vida.</b> João Guisan Seixas .....	205
<b>Carvalho Calero no diagrama da comunicación dramática. Carballo, poeta dramático e ironista.</b> Araceli Herrero Figueroa .....	227
<b>A intervención política e cultural</b>	249
<b>O compromiso cultural de Carvalho Calero: a reintegración lingüística galego-portuguesa.</b> José-Martinho Montero Santalha .....	251
<b>Reflexións sobre a Segunda República.</b> Xosé Ramón Barreiro Fernández .....	263
<b>Carballo Calero, un xove nacionalista. 1926-1936.</b> Justo Beramendi.....	281
<b>O home</b>	295
<b>Algúns recordos de Carvalho Calero.</b> Isaac Díaz Pardo .....	297
<b>Ricardo Carvalho Calero: a elegancia do intelectual comprometido.</b> Miguel Anxo Fernán-Vello.....	301
<b>O professor, o mestre, o amigo: evocación saudosa.</b> Aurora Marco.....	309
<b>Clausura do Simposio</b>	
<b>Carvalho Calero novelista.</b> Darío Villanueva.....	323
<b>Apéndices</b>	341
<b>Apéndice fotográfico.</b> .....	343
<b>Ricardo Carvalho Calero escribe a Xosé Filgueira Valverde. Dados para a antoloxía da poesía galega do ano 1936.</b> Teresa López.....	349

# 1

## O compromisso cultural de Carvalho Calero: a reintegração lingüística galego-portuguesa

José-Martinho  
Montero Santalha  
Universidade de Vigo

DOI: <https://doi.org/10.17979/spudc.9788497497671.251>

### PROÉMIO

---

Os organizadores estruturaram este simpósio em memória de Carvalho Calero dedicando sucessivamente uma sessão a cada uma das diversas facetas que conformam a sua poliédrica personalidade. Depois de ter-se tratado de Carvalho como investigador da língua e da literatura e como autor de obras literárias (romancista, poeta, dramaturgo), corresponde-nos agora chegar-nos a outra faceta da personalidade pública de Carvalho Calero (ficando para uma ulterior sessão a dimensão mais íntima da sua pessoa): o compromisso cívico, ou, para dizê-lo com uma etiqueta mais compreensível, a sua faceta política.

Imediatamente devemos estabelecer uma distinção entre duas dimensões da sua actividade política: por um lado a política que podemos chamar “geral” e, por outro, a política cultural.

Durante uma breve etapa da sua vida juvenil (isto é, fundamentalmente na época da segunda república espanhola: 1931-1936) Carvalho desenvolveu um compromisso de política geral, como militante do Partido Galeguista. Concluída a guerra civil espanhola de 1936-1939, as circunstâncias pessoais em que viera a ficar após ter sido julgado, condenado e encarcerado não permitiam que, como pessoa suspeitosa para o regime franquista –e portanto provavelmente vigiada–, pudesse nem sequer intentar qualquer género de militância política numa



época em que todo compromisso político tinha que realizar-se na clandestinidade. Mas dessa fase da sua biografia vão ocupar-se outros, e a mim corresponde-me tratar da sua actividade no âmbito da política cultural.

Esta segunda dimensão política esteve presente ao longo de toda a vida de Carvalho. Mais ainda: repetidamente tem declarado que nunca se sentiu atraído pela actividade política geral e que mesmo o seu compromisso político juvenil estivera induzido sobretudo pela preocupação cultural, especialmente linguística:

A miña relación coa política galega foi sempre unha relación tanxencial que, como a de tantos outros galegos cunha formación universitaria ou intelectual, se consideraba orientada a resolver os problemas esenciais que afectaban á nosa cultura. Entón, eu teño practicado, indudabelmente, unha política lingüística e cultural, e de política xeral só me teño ocupado incidentalmente e en canto esa política xeral é un marco para situar dentro dela, por suposto, a política cultural. (Blanco 1989: 59).

Como vemos, há nestas palavras uma implícita identificação entre cultura e língua da Galiza: não, claro está, porque possa reduzir-se ao campo linguístico toda a cultura galega, mas sim porque o idioma é o núcleo da cultura galega. “O galego é Galiza” tem ele escrito em estilo lapidário, ecoando aqueloutro postulado já clássico de que “se ainda somos galegos é por obra do idioma”.

A política do idioma, portanto. Ora, aqui também há duas vertentes: as duas perspectivas que habitualmente se denominam nos estudos de história linguística “história (ou perspectiva) externa” e “história (ou perspectiva) interna”. Correspondem ao que na linguagem mais comum se vem conhecendo como normalização social e normatização gramatical, respectivamente.

Vou limitar a minha exposição ao segundo destes temas, não porque Carvalho não tivesse um pensamento e uma atitude claramente definidos também a respeito do uso social da língua, mas porque esse aspecto foi menos marcado na sua biografia e é menos significativo no conjunto da sua personalidade do que o segundo (isto é, a identidade linguística do nosso idioma), de modo que uma visão da sua figura ficaria gravemente incompleta se faltar estoura faceta.



## A UNIDADE LUSÓFONA NA TRAJECTÓRIA VITAL DE CARVALHO CALERO

Nos últimos 15 anos da sua vida (aproximadamente entre 1975-1990), Carvalho Calero foi na Galiza o principal defensor da reintegração linguística galego-portuguesa.

Disse “15 anos”, e pode interessar, antes de mais, remarcar as datas, para desfazer uma falsa informação que tem corrido ao respeito e que muitos aceitaram de boa fé como verídica. Alguns propalaram que o compromisso reintegracionista de Carvalho fora provocado pelo seu “despeito” por não ter sido elegido presidente da Academia Galega quando faleceu Martínez-Risco. Geralmente esta acusação, como costuma suceder com este género de maledicências, divulgou-se oralmente, mas nalgum caso parece ter sido também reflectida em escrito público.

Noutro lugar expus mais em pormenor os factos históricos que tornam incontestável a falsidade e a índole caluniosa de tal afirmação. Aqui podemos limitar-nos a confrontar simplesmente as datas: Sebastián Martínez-Risco, então presidente da Academia Galega, faleceu em setembro de 1977, enquanto a primeira manifestação reintegracionista pública –pois em conversas privadas já se vinha manifestando nesse sentido desde havia algum tempo– de Carvalho é de dous anos antes: no artigo «Ortografía galega», aparecido no jornal corunhês *La Voz de Galicia* em 27 de julho de 1975<sup>1</sup>. Aí declara já abertamente que chegara talvez o momento de que a normativa linguística galega corrigisse o seu rumo. Embora ele não fizesse aí referência expressa à situação política, esse pano de fundo estava na mente de todos: tudo indicava que a ditadura franquista chegava ao seu fim (e, de facto, esse mesmo ano, em novembro, faleceria Franco), de maneira que a situação idiomática da Galiza podia começar a ser substancialmente diferente.

[...] históricamente non habería outra ortografía que a inspirada no portugués. É indubitábel que unha nivelación realista coa práctica escrita deste idioma está de acordo coas orixes e pode abrir un campo de expansión moi necesario ás nosas letras. Estamos se cadra no intre en que compre xa unha revisión da nosa normativa á luz deses feitos. [...] Inserto o noso idioma no complexo iberorrománico occidental, calquer grafía que resulte dialectalmente rechamante producirá unha impresión de indisciplina cultural, que debe evitarse se pode selo [...] restabelecendo a continuidade que pode ter sido alterada polo intre dialectal en que a lingua viviu durante séculos (Carvalho 1975).

<sup>1</sup> «Ortografía galega», *La Voz de Galicia*, 27.7.1975.



Depois dessa primeira manifestação pública, um novo artigo só duas semanas mais tarde prosseguia a explicação e divulgação dessas ideias, um labor que já nunca se deteria nos 15 anos que lhe restavam de vida<sup>2</sup>.

Já que estamos tratando de datas, não resultará inoportuno lembrar igualmente que esta declaração pública de reintegracionismo não se pode considerar uma mudança de opinião substancial sobre a concepção da nossa língua. Naturalmente, nada teria de particular que assim fosse: Carvalho Calero poderia mudar de opinião ao respeito, como outros fizeram, o que é perfeitamente legítimo. Cada um defende em cada momento a opinião que lhe parece mais fundada, e se antes defendia outra coisa ou mesmo o contrário, será porque não considerara bem os argumentos ou agora descobriu outros que lhe parecem mais decisivos. Já o dizia o adágio antigo: “sapientis est mutare consilium”. Nada teria pois de especial que Carvalho defendesse nos anos da sua madurez uma opinião diferente da seguida em anos precedentes. E claro está que, ainda que isso fosse certo, não haveria motivo para pretender rebaixar a coerência ideológica e pessoal de Carvalho sobre essa base.

Mas a verdade é que não houve em Carvalho Calero uma mudança substancial de opinião a este respeito. Aduzirei como prova sumária só alguns dados que creio significativos.

Já em 1930 (portanto com escassos 20 anos de idade) Carvalho publica na revista *Nós* um poema intitulado «Cançón das lavadeiras»<sup>3</sup>. À luz da nossa história linguística e da situação naquela altura, é óbvio que o uso da cedilha em *cançón* só se pode explicar como uma amostra consciente de unidade linguística galego-portuguesa (como o era igualmente em Rosalia quando em *Cantares galegos* escrevia, por exemplo, *coraçón*). Não importa que esse uso não seja sistemático: cumpre atribuir a este género de indícios a importância que realmente possuem, neste como noutros casos e noutros escritores, tendo em conta que qualquer rebeldia de tendência reitegracionista contra a praxe ortográfica comum e castelhanizada indica uma consciência, mais ou menos desperta, do carácter lusófono da Galiza, embora se manifeste de modo esporádico e mesmo incoerente. A anormalidade linguística em que o cultivo da língua na Galiza teve que desenvolver-se explica sobradamente essas incoerências, devidas muitas vezes à incomunicação com o mundo de língua portuguesa e ao natural desconhecimento das normas linguísticas nesse contexto.

---

<sup>2</sup> «Galego-português ou galego-castelán», *La Voz de Galicia*, domingo 10.8.1975.

<sup>3</sup> «Cançón das lavadeiras», em: *Nós* (Ourense), tomo 7, núm. 76 (15 de Abril de 1930), pág. 69.



Se esses indícios gráficos denunciam já em Carvalho Calero uma consciência do carácter lusófono da nossa língua, dispomos também de um testemunho expresso no mesmo sentido. Em 1933 publicou no jornal *El Pueblo Gallego*, de Vigo, um comentário sobre uma antologia poética do poeta português Antero de Quental, publicada pela Universidade de Santiago<sup>4</sup>. Com esse ensejo, manifestou claramente a ideia substancial que agora nos interessa: “a lingua de Antero é a mesma nosa”. Eis o fundamental desse texto:

Está ben todo o que sexa difundir en Galiza a cultura de Alén Miño. E aínda tal difusión semella unha das máis naturais obrigas da Universidade galega [...]. A mocidade galega viviu até o de agora sin contaito ningún coa cultura portuguesa. [...] E sin embargo, a lírica portuguesa canta, pra o ouvido galego, unha canción familiar. Non só a *lingua de Antero é a mesma nosa*, senón que o espírito que revelan os versos portugueses que o galego lé, é un espírito que se abre inteiro pra o lector: a maneira de pensar e sentir, a mentalidade e a sentimentalidade do poeta, son as mesmas nosas. [...] Por todo, e por saudoso, en fin, él nos fala nosa linguaxe, e pra entrarmos no seu mundo non necesitamos enmascaramos os galegos [...] zugador no mel do verso familiar, aquel celme vital que decorre pol-as veas da nosa propia i-alma. (Carballo Calero 1933).

Vieram depois os longos anos da “longa noite de pedra”: nesses tempos de obscuridade para a reivindicação e para o cultivo da língua, é compreensível que não se considerasse tarefa urgente reafirmar a unidade lusófona. Temos que dar um salto aos anos 60 e 70, quando a repressão cultural por parte do sistema político franquista começava a afrouxar. E assim chegamos, por exemplo, ao ano 1971, em que a Academia Galega faz públicas umas normas linguísticas de carácter morfológico. É sabido que o redactor fundamental de tais normas foi Carvalho Calero. Ora, entre essas normas morfológicas podemos centrar a atenção na que estabelece a formação dos plurais em *-ais* (*animal / animais*). É evidente, à vista das características dessa forma, que se trata de uma norma de índole abertamente reintegracionista: a terminação *-ais* é a usada na grafia luso-brasileira do século XX, mas nem é usada no português falado na Galiza (onde, ademais do castelhanismo *-ales*, prevalece a forma popular *-ás: animás*) nem é tampouco histórica; mesmo na área luso-brasileira foi comum até bem entrado o século XX a forma *-aes* (por isso mesmo empregada por Castela, apesar de não ser usual nas falas galegas). A introdução desta formação em *-ais* foi, pois, um acto de consciente reintegracionismo, devido, já se vê, a Carvalho Calero.

<sup>4</sup> «Versos de Antero», *El Pueblo Gallego*, 11.3.1933. No texto da citação, o itálico é meu.

Por sinal, o plural em *-ais* alcançou logo grande êxito. O mesmo «Instituto da Língua Galega», que, em rebeldia às normas da Academia Galega, estabeleceria como normativo num primeiro momento o plural castelhano em *-ales*, acabaria finalmente adoptando também *-ais*. Este caso é uma prova do fácil que teria sido, nos anos que vão desde então a hoje, realizar sem traumas um processo de reintegração linguística que devolvesse à língua da Galiza a sua substancial identidade.

Não se pode, pois, dizer que Carvalho Calero tenha mudado de opinião substancialmente no que diz respeito ao carácter lusófono da Galiza. Só que concentrou a sua preocupação neste aspecto quando as circunstâncias sócio-políticas infundiram urgência ao problema, e isso foi antes, desde logo, de que pudesse sentir nenhum “despeito” por não chegar a presidente da Academia Galega (responsabilidade que, de resto, não teria aceitado, como ele mesmo se encarregou de deixar bem claro previamente, de modo que não tem sentido falar de “despeito”).

Nas circunstâncias sócio-políticas dos anos 70, quando por uma parte se eclipsava o sistema político franquista e por outra o predomínio do castelhano na Galiza se ia tornado esmagador, a “política da língua” já não podia resignar-se a ir mantendo uma resistência de qualquer modo, como tivera que ser até essa hora, mas devia projectar uma perspectiva de futuro atendendo a todos os factores que condicionam o desenvolvimento das línguas no mundo contemporâneo. Se no passado a língua da Galiza conseguira resistir quase milagrosamente, tudo agora indicava que as condições que tornaram possível esse milagre de pervivência não iam manter-se no futuro.

## PREMISSA DE ÍNDOLE BIBLIOGRÁFICA

---

Ao assunto da reintegração linguística galego-portuguesa, nos diversos aspectos que isso implica, Carvalho dedicou muitos artigos e vários livros. Enumero, antes de mais, os quatro livros fundamentais.

O livro *Problemas da língua galega* foi publicado em 1981 pela editora Sá da Costa, de Lisboa, na sua colecção «Noroeste»<sup>5</sup>. É a primeira obra de Carvalho que aparece escrita em ortografia reintegrada.

Em 1983 publica-se o livro *Da fala e da escrita*<sup>6</sup>, que recolhe outros trabalhos linguísticos seus, a maioria deles publicados no tempo

---

<sup>5</sup> Carvalho Calero, R. (1981): *Problemas da língua galega* (Lisboa: Sá da Costa Editora), 148 pp. (Colecção «Noroeste», número 2). Sobre o significado desta obra, vid. António GIL HERNÁNDEZ, «Dos Estudos do Prof. Rodrigues Lapa aos Problemas do Prof. Carvalho Calero», em: *Actas [do] III Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza, 1990: Vigo, 27, 28 e 29 de Setembro, no Auditório do Centro Cultural CAIXAVIGO; Ourense, 30 de Setembro e 1 de Outubro, na Faculdade de Humanidades; Em homenagem ao Professor Carvalho Calero; M<sup>a</sup> do Carmo HENRIQUEZ SALIDO, Editora, A Corunha: Associação Galega da Língua (AGAL), 1992, 660 pp., pp. 561-567.*

<sup>6</sup> *Da fala e da escrita*, Ourense: Galiza Editora, 1983, 140 pp.



imediatamente precedente. No seu conjunto, esta obra é quiçá a que apresenta o melhor resumo das suas ideias sobre a problemática da língua da Galiza.

Em 1984 a Associação Galega da Língua (AGAL) edita uma nova colectânea: *Letras galegas*<sup>7</sup>, que inclui alguns estudos lingüísticos ao lado de outros literários.

E finalmente, já póstumo, apareceu *Do galego e da Galiza* (1990)<sup>8</sup>, nova compilação de estudos e artigos diversos, produzidos no último período da sua vida.

São pois muitas as páginas que Carvalho dedicou à política da língua. A sua doutrina está perfeitamente desenvolvida, tanto no nível mais científico como no mais divulgativo e popular<sup>9</sup>.

Aqui vou limitar-me a expor, e mais bem sumariamente (e muitas vezes parafrasando as suas palavras), alguns pontos fundamentais dessa doutrina.

## DUAS BASES DE ARGUMENTAÇÃO:

Como fundamentos em que esteia a sua argumentação podemos individuar duas bases principais: uma de natureza filológica e outra de índole sócio-lingüística.

### 1. Base de índole filológica: uma única língua.

Filologicamente (ainda hoje, e não só historicamente) a língua da Galiza segue sendo a mesma da área luso-brasileira. As diferenças da fala comum galega com os restantes países lusófonos entra dentro do que é natural em todas as línguas, especialmente naquelas que possuem grande extensão geográfica.

Como exemplo particularmente querido, Carvalho, seguindo aliás a esteira doutros teóricos galegos do reintegracionismo como A. Vilar Ponte, citou o exemplo do flamengo, língua holandesa falada no território pertencente a Bélgica, unificada modernamente na sua normativa com o holandês de Holanda.

<sup>7</sup> *Letras galegas*, A Corunha: Associação Galega da Língua (AGAL), 1984, 349 pp.

<sup>8</sup> *Do galego e da Galiza*, Santiago de Compostela: Sotelo Blanco Edicións, 1990, 242 pp.

<sup>9</sup> Há vários trabalhos de outros estudiosos que expõem e analisam a concepção lingüística de Carvalho Calero, tanto na sua fundamentação mais teórica como na sua dimensão mais prática. Eis uma lista dos principais: Serafín Alonso Pintos, «O ideal de lingua na Gramática de Carballo Calero», em: *Grial* (Vigo), 38 (2000), núm. 147 (julho-setembro), pp. 461-474; José Luís Forno Pérez, «Carvalho Calero perante a questão do bilinguismo», em: *Renovação: Embaixada galega da cultura* (Madrid), núm. 3 (maio 1991), pp. 15-17; Maria Pilar Garcia Negro, «A língua, 'agarimo de tradiçom e arma de progresso'», em: [Vários], *Ricardo Carballo Calero: a razón da esperanza* (1991), pp. 48-52; Pilar García negro, «Vixência dos plantexamentos lingüísticos do Professor Ricardo Carballo Calero», em: *Actas* (1992), pp. 557-559; Antón Gil Hernández, «Dos Estudos do Prof. Rodrigues Lapa aos Problemas do Prof. Carvalho Calero», em: *Actas* (1992), pp. 561-567; João Guisán Seixas, «A prova, definitiva, do Caraminhal», em: *Agália* (A Corunha - Ourense), núm. 29 (Primavera 1992), pp. 5-23; M<sup>re</sup>. do Carmo Henríquez Salido, «A aplicação sucessiva da doutrina lingüística em textos do professor Carvalho Calero», em: [Vários], *Ricardo Carballo Calero: a razón da esperanza* (1991), pp. 41-46; Maria do Carmo Henríquez Salido, «Dom Ricardo Carballo Calero na vida da 'Associação Galega da Língua'», em: *Agália* (A Corunha - Ourense), núm. 29 (Primavera 1992), pp. 25-60; Maria do Carmo Henríquez Salido, «As "rectificações" nas edições da Gramática do Professor Ricardo Carvalho Calero», em: Maria do Carmo Henríquez Salido y Miguel Ángel Esparza Torres (eds.), *Estudios de historiografía lingüística hispánica ofrecidos a Hans-Josef Niederehe*, Departamento de Filología Española, Universidade de Vigo («Publicaciones del Área de Lengua

Por outra parte, Carvalho assinala como no caso da Galiza a língua mostra, como efeito da premente castelhanização sócio-política, uma degeneração interna que converte a sua história numa “história clínica”, isto é, a história de um enfermo, e este facto torna ainda mais urgente a afirmação da substancial unidade com o resto do mundo lusófono.

## 2. Base de índole sócio-linguística: a supervivência do idioma ameaçada.

Um segundo argumento fundamental é o sócio-linguístico: na Galiza a supervivência da língua autóctone está gravemente ameaçada. Já fica feita alusão à degeneração interna do próprio sistema linguístico, que ameaça com deixar convertida a nossa língua num mero dialecto castelhano. Mas há, ademais, outra ameaça que nos últimos anos se tornou alarmantemente dramática: os dados demográficos relativos à perda de falantes. Vejamos em resumo como está o problema.

Antes de mais, cumpre ter em conta que o factor decisivo para avaliar a vitalidade de uma língua não é o número dos que a conhecem ou a sabem falar, mas o número de falantes que a têm como «língua de instalação» (ou, noutras denominações equivalentes, como «língua inicial», porque é aquela em que assumimos a capacidade humana de comunicar-nos pela linguagem, ou como «língua materna», porque normalmente é a língua que ao bebé fala sua mãe nos dous ou três primeiros anos de vida).

Esse é o único factor decisivo e capital. Todos os demais factores de índole sócio-linguística, embora importantes, são secundários, e só assumem relevância suposto o primeiro. Pode a língua ser ensinada e mesmo usada obrigatoriamente em todos os centros educativos do país, pode haver rádio e televisão em galego, pode usar-se na documentação oficial e nos discursos do Parlamento e das câmaras provinciais e municipais: tudo isto, com ser condição imprescindível para a vida normal do idioma, de pouco vale se a língua perde os falantes de instalação.

Também o latim continuou usando-se durante séculos, em muitas universidades tanto religiosas como civis davam-se as lições em latim, e publicavam-se livros e revistas, e usava-se na documentação oficial e nos discursos de congressos científicos e de concílios, e diariamente

Española, 4»), Vigo 1999, 152 pp., pp. 73-96; José-Martinho Montero Santalha, «Um texto ensaístico: A normatización do galego, segundo o Prof. Carvalho Calero», em: [Vários], *Comentário de textos literários*, António Gil Hernández Coordinador, Alhena Ediciones, Madrid 1986, pp. 453-478; José-Martinho Montero Santalha, «Carvalho Calero e a língua portuguesa da Galiza», em: [Vários], *Ricardo Carvalho Calero: a razón da esperanza* (1991), pp. 32-40; José-Martinho Montero Santalha, «Os estudos linguísticos de Carvalho Calero», em: *Homenaxe a Carvalho Calero*, Concello de Ferrol («Cadernos de Medúlio»), Ferrol 2000, 48 pp., pp. 7-14; José-Manuel Outeiro G., «A estardadaçom reintegracionista em Ricardo Carvalho Calero (1981-1990)», em: *Agália* (A Corunha - Ourense), núm. 59 (Outono 1991), pp. 351-359; Domingos Prieto Alonso, «Política e planificación linguísticas nos escritos de Carvalho Calero», em: [Vários], *Ricardo Carvalho Calero: a razón da esperanza* (1991), pp. 54-59; Domingos Prieto Alonso, «As ideias linguísticas do Prof. Carvalho Calero: variação linguística e história da língua», em: *Actas* (1992), pp. 583-592; [Vários], *Ricardo Carvalho Calero: a razón da esperanza*, Promocións Culturais Galegas, Vigo 1991 (Colecção «A nosa cultura», núm. 13), 94 pp., 24 x 33 cm.



em todas as igrejas católicas do mundo; mas não por isso o latim deixou de ser uma língua morta. Quando se diz que existe o perigo de que o galego se convirta numa língua “litúrgica” quer-se dizer algo disso: uma língua venerada talvez e até cultivada, mas sem vida.

Durante o século xx a língua da Galiza perdeu a maioria dos seus falantes. Nos começos do século, de cada cem nenos galegos que nasciam, a percentagem dos que se instalavam no castelhano não chegava ao 10 %. Agora, nos anos finais do século, essa proporção aparece invertida: de cada cem nenos galegos que nascem, não chegam ao 10 % os que se instalam no galego; todos os demais instalam-se no castelhano. E o mais alarmante é que nos últimos 20 anos, quando já era língua oficial e obrigatória no ensino, não só não começou a recuperar falantes mas, ao contrário, o ritmo de perda de falantes, em vez de diminuir, intensificou-se.

Os nenos e jovens de hoje instalados no castelhano são os que vão ter filhos amanhã, e vão-lhes transmitir a língua que hoje falam. Seria ingénuo –e contrário à natureza das cousas e à experiência de todos os dias– esperar que esses jovens que têm como língua de instalação e de uso habitual o castelhano possam num futuro transmitir aos seus filhos o galego. As possíveis excepções esporádicas a esta tendência natural podem ser significativas a nível pessoal mas carecem de relevância no conjunto da comunidade falante.

Em conclusão: não tem sentido que neguemos que a língua da Galiza está morrendo: a nossa língua morre. A pretensão de criar uma língua independente em pleno século xx, ademais de disparatada sob todos os aspectos, tem-se demonstrado ser uma aventura culturalmente suicida.

Esse futuro tão ameaçante poderia só converter-se em possibilidade se a língua agonizante recupera a circulação do sangue vital que corre vigoroso no corpo das restantes áreas do idioma. Carvalho Calero disse-o de muitas maneiras; por exemplo, assim:

O galego ou é galego-português ou é galego-castelán. Ou somos umha forma do sistema ocidental ou somos umha forma do sistema central. Nom hai outra alternativa. Um galego em oposiçom à vez ao português e ao castelán é impossível. Um anám nom pode lutar com dous gigantes que cruzam os seus fogos. (Carvalho Calero 1981: 20).

## O PROCESSO DE REINTEGRAÇÃO COMO POLÍTICA DO IDIOMA

---

Pode ser útil que, baixando algo mais ao concreto, resumamos as suas ideias sobre o que implica o processo de reintegração como política linguística.

### 1. Fonética.

Em primeiro lugar, a reintegração não afecta praticamente a fonética. Não se trata, pois, de “falar como os portugueses”, como alguns parecem pensar quando ouvem falar de reintegracionismo. A fonética de cada área tem a sua legitimidade, e do mesmo modo que os andaluzes ou os argentinos não têm que falar como os burgaleses para sentirem-se parte da língua castelhana não é preciso que os galegos falemos como os lisboetas. De facto, é bem sabido que a variedade fonética se dá já na própria Galiza, e igualmente em Portugal, e entre o português europeu e o brasileiro.

### 2. Ortografia.

O substancial do processo reintegrador afecta o sistema ortográfico. Neste caso, falar de reintegrar equivale, ao mesmo tempo, por uma parte, a descastelhanizar a ortografia galega, e, por outra, a recuperar a nossa tradição ortográfica genuína. Carvalho dizia-o claramente:

Chamo ortografia castelhana aquela que a burocracia oficial e a sua clientela dérom agora em chamar ‘ortografia vigente’, como se fosse a única em vigor. [...] Que esta ortografia seja chamada galega é umha verdadeira perversom semântica. (Carvalho Calero 1989: 539).

### 3. Morfologia.

No que diz respeito à morfologia existe já uma substancial unidade. Que pervivam particularidades numa zona não destrui a unidade fundamental. Que os argentinos, por exemplo, digam e escrevam “vos tenés” em vez de “vosotros tenéis” não lhes impede manter a unidade com o resto da língua espanhola. A conservação deste tipo de particularidades entra dentro do opinável. Serão também possíveis no nosso caso sem que impliquem uma ameaça à unidade linguística. No resto dos pontos convirá saber disciplinar a diversidade com visão ampla do que é a comunidade falante: a adopção do plural em *-ais*,



que antes comentava, pode ser um bom exemplo do critério que deve prevalecer.

#### **4. Léxico.**

Quanto ao léxico não existem tampouco grandes problemas. Algumas particularidades ou preferências de vocabulário não significam um obstáculo à comunicação. Convirá prestar atenção particular ao léxico culto, técnico e moderno.

Como síntese de todo o processo, pode servir a seguinte citação de Carvalho:

Umha concórdia ortográfica, quando menos, e umha inteligência na opçom das formas linguísticas que integrariam, sem prejuízo das peculiaridades do galego, o veículo geral de comunicação, serán indispensáveis.

Deste jeito, seríamos o que somos, voltaríamos a ser quem fomos: o romance mais ocidental, nom esnaquiçado em dous anacos isolados, senom reintegrado numha unidade sistemática que nom exclui a autonomia normativa. (Carvalho Calero 1981: 20).



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- Actas 1992: [Henríquez Salido, M<sup>a</sup> do C.], *Actas [do] III Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza, 1990: Vigo, 27, 28 e 29 de Setembro, no Auditório do Centro Cultural CAIXAVIGO; Ourense, 30 de Setembro e 1 de Outubro, na Faculdade de Humanidades; Em homenagem ao Professor Carvalho Calero* (A Corunha: Associação Galega da Língua (AGAL).
- Blanco, C. (1989): *Conversas con Ricardo Carballo Calero* (Vigo: Editorial Galaxia).
- Carballo Calero, R. (1933): «Versos de Antero», *El Pueblo Gallego* (Vigo), 11 de Março de 1933.
- Carballo Calero, R. (1975): «Ortografía galega», *La Voz de Galicia* (A Corunha), 27 de Julho de 1975.
- Carvalho Calero, R. (1981): *Problemas da língua galega* (Lisboa: Sá da Costa Editora).
- Carvalho Calero, R. (1989): C. Martínez Areal [pseudónimo de Carvalho Calero], «A ortografía vigente», *Agália* (A Corunha - Ourense), núm. 20 (Inverno 1989), pág. 539.